

CONSTRUTORES DE UMA NOVA CIVILIZAÇÃO

Notas da assembleia realizada durante o Retiro de Advento da comunidade do Rio de Janeiro no sábado, 19 de dezembro de 2015. O encontro foi conduzido por padre Paulo Romão, responsável local do Movimento, e Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional de CL

Colocação: Estou um pouco afastada de vocês, porque as circunstâncias que a vida me ofereceu são duas cunhadas com 90 e 93 anos, que não têm ninguém para ficar com elas, e eu assumi a função de ser enfermeira, amiga e mãe. E eu aprendi e estou aprendendo a dar a elas não o que eu tenho, mas o que eu sou, o que Cristo me dá todos os dias eu passo pra elas, que é o carinho. E eu vejo como é belo admirar a velhice, a partida delas, pois elas estão cada vez mais se aproximando de Cristo. E eu me sinto muito feliz, muito alegre, em estar aqui com vocês. É bom estar aqui. E eu queria pedir a vocês: não deixem de estar aqui juntos uns dos outros, recebendo de Dom Giussani estas lições de vida.

Padre Paulo: Você falou: “dar a elas aquilo que eu sou”. E quem você é? Esta é a grande questão. O que podemos dar de melhor para as pessoas que nós encontramos, como no seu caso estas duas senhoras? Aquilo que nós somos: somos cristãos. E diante da realidade que nos provoca, vivemos nossa fé de forma concreta, acolhendo, abraçando, estando com as pessoas. Isso vale para você cuidando das pessoas na sua casa, como também para mim que estou na universidade com os meus alunos, para você que está no seu trabalho com as pessoas. É uma coisa grande demais o que carregamos.

Colocação: Sobre a minha experiência de vida, sempre li em cada momento da minha vida o que Deus estava me dizendo. E conseqüentemente, neste momento eu estou aqui no Movimento através de uma situação de vida. Por uma questão clínica eu precisei fazer uma cirurgia, e me aproximei do Dr. Carlos, e através dele Deus me deu respostas aos questionamentos que no início de 2015 eu vinha fazendo sobre a minha religião, sobre a minha fé. Através dele Deus falou pra mim, e isso foi muito forte pra mim. Outra coisa é que eu estive agora no grupo de reflexão dos universitários. Hoje nós vivemos uma situação de país, de mundo, de muita mudança, de muito questionamento, mas eu quero dizer a vocês, como diz a música do Gonzaguinha: “eu acredito na rapaziada”. Esse sentimento que a gente tem de querer mudar o mundo nos faz ficar muito frustrados porque a gente não consegue mudar o mundo, mas se a gente é presença viva de Deus no mundo, no meio onde nós estamos, a gente é como aquela pedrinha jogada no lago e ela vai formando os círculos. Então, eu acredito na rapaziada, até porque tenho quatro filhos e dois netos. E o fato de vocês estarem aqui, com certeza faz a diferença. E com a minha idade eu quero manter a minha juventude viva, com esperança num mundo melhor.

Bracco: Obrigado. Você falou uma coisa que também me provoca muito nesse período. Todos os dias ouvimos notícias em que parece que a gente está cada vez mais caindo num buraco, e nunca se chega ao fundo. Tem a situação política que estamos vivendo que parece uma tragédia, porque não se vê uma luz, e é algo que só se enrola cada vez mais; e depois, claramente a situação econômica que está ligada a isso; e depois tem a violência, que além da situação do mundo, onde tem esse nada que parece que avança, a ponto de atrair jovens a abraçar ideologias de morte, tem o nosso medo nosso de sair na rua, porque aqui também tem o terrorismo comum do dia a dia. No meio de tudo isso chega o Papa Francisco e fala: “Vamos começar um Ano Extraordinário da Misericórdia”. Não sei se vocês viram, mas o que pensamos com relação a isso? Ou ele é doido ou pensamos “tudo bem, é o Papa, ele tem que falar isso”, mas depois a gente fica com a nossa vida, com os nossos problemas, e parece que não vai tocar em nada. Mas eu quero verificar isso, e me perguntei: “Mas é verdade pra mim que estamos começando um Ano Extraordinário, aonde podemos experimentar o

que significa essa misericórdia?”. “O que é esse amor de uma pessoa que se agita e se move por mim, por cada um de nós?”. Se cada um de nós leva a sério essa proposta, acredito que é como aquela pedrinha que ela falou. Se milhares de pessoas começam a jogar uma pedrinha, aí o mar vai se agitar. Acreditamos nisso? Acreditamos que cada um de nós quando começa o dia no seu trabalho está construindo uma civilização nova? Diante do nada que avança, estamos conscientes de que estamos construindo uma nova civilização ou achamos que tudo já está tomado e também vamos fazer lamentação? Cada um de nós quando vai trabalhar, ou quando levam os filhos na creche, quando vão dar aulas, quando vão ao escritório, não somos uns desligados dos outros fazendo algo para ganhar o salário, mas cada um está contribuindo à construção de uma nova civilização, como eram os monges na época dos bárbaros. Nós temos consciência do que é o Movimento, que talvez por 1 ano, 10 anos, 15 anos, sempre me esperou, com paciência me educou, através da caritativa, através de uma revista, através da EdC? Então, se a gente começa a se perguntar isso é realmente o início de um Ano Extraordinário, porque podemos reconquistar tudo, tomar consciência de tudo o que temos. Do protagonismo que somos. Ou de Cristo que talvez está passando e falando para cada um: “deixa tudo e segue-me”. Deixa o teu modo de viver até hoje. E segue-me. Quer me seguir? Porque mais do que ontem, precisamos agora. Então, eu entendo isso, que começou um Ano Extraordinário e todo mundo tem que verificar isso. Verificar se é o medo que me domina, ou é essa esperança de fazer, de criar, de pensar; é se lamentar ou é ter um olhar de misericórdia com todos, mesmo com aqueles que não conseguem mudar, não conseguem largar o poder. É disso que precisamos.

Colocação: Sou estudante de medicina e no hospital universitário estamos próximos do dia em que vamos fechar porque faltam as coisas mais básicas, falta tudo. E neste contexto que a gente está falando, com uma falta de estímulo, eu no meio da semana estava bem determinada por isso, bem cansada e distraída. E aí fui conversar com uma amiga. E ela começou a me contar várias coisas bonitas que ela tinha visto, e a companhia dela me mudou. E na quinta-feira os residentes do hospital começaram a organizar uma mobilização aberta a todos os que quisessem participar para chamar a atenção para a situação do hospital e chamar a atenção da mídia para divulgar que o hospital não tem dinheiro. Era uma causa justa, mas muita gente não aderiu e no fim tinha muito pouca gente. Cheguei lá e fiquei irritada com isso, mas o bonito foi que enquanto a gente estava caminhando, percebi que as pessoas estavam exaltando um valor que era o hospital, dizendo que querem trabalhar num lugar digno, querem cuidar dos pacientes. Eu vi que todas aquelas pessoas estavam ali juntas gritando uma coisa que elas querem, exaltando o desejo que elas têm. Foi um momento muito bonito para todos os que participaram, apesar de ter sido uma manifestação muito pequena. Mas aquilo mudou o meu dia. Eu tinha que ir para o ambulatório depois e eu fui correndo pegar o prontuário porque não queria atrasar a consulta. E tem um médico neste ambulatório que eu participo que é uma pessoa que sempre me chamou atenção porque vejo nele um olhar diferente, e pra mim se tornou uma referência, e eu decidi dar um cartão de Natal pra ele. E entreguei o cartão e agradei dizendo que olhar pra ele tinha me ajudado bastante neste ano. Tive a coragem de entregar porque estava cheia de esperança. Ele disse que ficava lisonjeado e quando viu que as frases eram do Papa Francisco, disse que ia ler com certeza, e depois viu Luigi Giussani, e falou que também o conhecia, que ele tem três livros, que o Ratzinger falava dele. Naquele dia eu fui dormir maravilhada porque eu não podia prever estas coisas, e eu sinto que é uma grande aventura, e que o mundo está esperando isso, e a gente tem ajuda, não estamos sozinhos. Essa pessoa não está do meu lado á toa. Eu me senti muito cuidada.

Colocação: Queria dizer que neste ano a minha vida mudou significativamente por causa da Escola de Comunidade (EdC) e dos trabalhos que a gente tem feito no Movimento. No ano passado eu voltei pra sala de aula depois de 5 anos trabalhando com a formação de professores e fazendo a coordenação pedagógica de uma escola. Tendo voltado a esse contato com os adolescentes eu senti um choque muito grande, e eu resisti o tempo inteiro. E também no ano passado eu não estava

vivendo a EdC com a seriedade que deveria ser, e não porque alguém diz que deveria ser, mas porque eu já fiz essa experiência e sei o quanto é importante, porque é fazendo EdC que me mantém na postura adequada. E este ano, em fevereiro, a pedido da Irmã Letícia, a gente começou a fazer uma EdC na minha casa, e aí não tinha como não fazer. E até para poder ficar mais viva, comecei a fazer o trabalho diário, que é sempre indicado, mas nem sempre eu fazia. E foi muito impressionante porque a minha realidade profissional não mudou, eu estou ainda na escola, mas foi incrível como o meu coração mudou. Eu comecei a ir para a escola desejando ir para a escola. Antes eu estava caindo numa reclamação de que os meninos não querem nada, mas neste ano não foi assim, foi uma beleza do início ao fim. E, no entanto, tem uma dor que fica no meu coração, porque as pessoas percebem uma diversidade humana, alunos vêm conversar sobre a vida, acompanhei um grupo de crisma, fui paraninfo da turma de 3º ano, tem pais que vêm me agradecer, então reconhecem, mas daí a aderir a uma proposta é uma vertigem. E por outro lado também, no Cartaz de Natal (que peço que expliquem depois a imagem) tem este trecho do Papa: “Por ti, por ti, por mim, um amor ativo, real”. E também no texto da Jornada tem um trecho que o Carrón cita o Papa: “Bem sei que são numerosos os vossos desafios... Muitas vezes é hostil o campo em que semeias”, e ele fala que o diálogo é o nosso método. Mas eu, ao mesmo tempo que abraço, se tiver que mandar ir à luta, eu falo. Então queria perguntar sobre a correção. Eu sou muito corrigida pelos amigos, pela realidade, e eu paro e penso e vou atrás de uma resposta que me coloque numa postura mais adequada. Então, eu queria entender qual é o amor que corrige e qual é o amor que adula. Acho que isso é uma vertigem, uma linha muito tênue, porque aprendi com Santo Agostinho que “mais vale o rigor que corrige do que o afeto que engana”. E eu não quero enganar ninguém, porque a vida é breve e eu não quero perder tempo.

Bracco: Falo um pouco da minha experiência, no convívio com muitos jovens. A primeira coisa é pensar quanta paciência alguém teve comigo. A paciência não é esperar, é dar o tempo para que o outro entenda. Porque às vezes algo que está claro pra mim, é evidente, para o outro é preto, escuro. Então, esse é o problema: como aquilo que é evidente pra mim pode se tornar claro para o outro que não está enxergando aquilo que eu estou enxergando? A paciência que alguém teve comigo me ajuda a dar o tempo pro outro. Mas além de dar o tempo, o que o outro precisa para que o tempo se torne desejo de uma mudança? Precisa não só ouvir, mas precisa ver como é bom aquilo que você quer que ele entenda. Então, às vezes quem está mais próximo não consegue testemunhar isso porque tem um monte de tensões, e esse dar o tempo, esse querer que ele veja, se torna uma criatividade também. Por exemplo, desejar que ele veja onde eu vejo, não que ele veja a mim, porque ele me vê todo escuro, todo deformado. Então desejo que ele possa ver um lugar, e aqui entra a criatividade, que é a criatividade de uma mãe, que para que o filho coma ela começa a fazer aviãozinho, a inventar coisas. Você se abaixa, se humilha, se torna o mais próxima dela possível para que ela abra a boca e coma.

Outra coisa importante que você falou é sobre fazer a experiência do trabalho da EdC, que sempre a gente ouve, mas é a grande dificuldade, porque tem sempre a correria da vida e parece que nunca temos tempo. Então queria ler este testemunho que me marcou muito e vai sair depois na *Passos*: “Na clínica veterinária que gerencio com a minha esposa, em maio chegou um casal homossexual com uma cadela que tinham acabado de adotar. Em filhotes aplicamos três vacinas, a cada vinte e um dias e, portanto, naquele período nos vimos e nos conhecemos. O rapaz mais novo era muito divertido, e era o mais apegado à cachorrinha. Quando ele entrava na clínica, se sentia quase uma letícia, uma alegria, uma autoironia, tanto que conversar com ele era um prazer. A consulta durava cinco minutos, e o restante da hora falávamos de nós. Antes das férias ele me contou que trabalhava com moda, que tinha um bom trabalho, um companheiro, mas não era feliz. Disse: ‘É como se me faltasse alguma coisa, é como se eu vivesse a minha vida a partir de uma reação, de uma defesa. Isso me inquieta. Seria bonito viver o trabalho e os relacionamentos como você e sua mulher vivem. Vocês são especiais de um modo normal. Se eu tivesse matado uma pessoa uma hora atrás, vocês não me julgariam por isso, mas pela sede de felicidade que tenho. É bonito falar com vocês. Não me

julgam pelas escolhas que eu fiz, mas por aquilo que eu busquei e busco'. Ele me conta que num domingo sua mãe havia convidado o pároco de surpresa no almoço, e ele lhe fez um sermão. E acrescentou: 'Falando com ele eu me senti como se, antes de falar de mim, ele tinha que me limpar de algo sujo que tenho'. E depois me perguntou: 'Como fazem para viver assim?'. Eu respondo que eu conheci um grupo de amigos que me mostrou aquele modo novo e bonito de viver. Que tudo nasce do carisma de um homem que falou e ainda fala ao meu coração, que é Dom Giussani. E ele, imediatamente diz: 'Não é como o padre do almoço de domingo, né?'. Eu lhe dou de presente a *Passos* e o convido para a Escola de Comunidade que seria retomada em setembro. Passou as férias, eu não o vi mais e não tive mais notícias dele até poucos dias atrás, quando sua mãe, que eu havia conhecido numa das consultas, foi até a clínica. Ela entrou com a cachorrinha no colo e me disse, chorando, que o filho tinha morrido, que aquela tosse que ele tinha não era bronquite, mas um tumor que tinha feito com que ele sofresse muito e o tinha tirado dela e da vida. E depois falou: 'Vocês precisam me ajudar a acompanhar a cachorrinha, pois ele gostava muito dela. E também precisam me dar aquela revista que deram para ele na última vez que esteve aqui, porque nos últimos dias da sua vida não fazia outra coisa além de lê-la, e quis até que fosse colocada no seu caixão. Quero entender ao que ele estava se apegando para não sofrer. Não consegui lhes contar quando aconteceu, mas agora, sendo que ele falava de vocês como pessoas especiais, gostaria que viessem saudá-lo na missa de um mês'. Eu lhe respondi que estaria presente e que ela era uma mãe de sorte por ter tudo um filho assim".

Padre Paulo: Essa coisa que o Bracco acabou de falar é como fala aqui no cartaz: "Por ti, por ti, por ti, por mim. Um amor ativo, real. Um amor que cura, perdoa, levanta, cuida". É impressionante, porque se nós pensarmos que Jesus encontrou Mateus, encontrou Zaqueu, encontrou a prostituta, encontrou tantas as pessoas, do ponto de vista moral zero. Mas Madalena se tornou Santa. Por quê? Por um olhar assim. O ponto de partida é esse olhar cheio de afeição e de amor. Este é um exemplo claríssimo. Eu e você fomos alcançados por esse olhar, que me atingiu e me abraçou e pronto, sem perguntar nada do que eu tinha feito. Ou é o acontecimento cristão, esse olhar cheio de misericórdia e ternura, ou é a ética. Verifica o que te corresponde mais. Nós vivemos em um mundo assim com gente de todo o tipo, que está gritando, que está desejando alguma coisa, em casa ou em qualquer lugar. "Um amor ativo, real". Um relacionamento com pessoas, rostos. "Um amor que cura, perdoa, levanta, cuida".

Colocação: Se até o meio deste ano alguém me dissesse que no dia 19 de dezembro eu estaria aqui, eu não acreditaria, eu daria gargalhada. No meio do ano eu tive a minha segunda filha e depois que ela nasceu eu passei por um momento muito difícil, uma tristeza, uma angústia, um mal-estar muito grande, e a ciência podia dizer "você está com depressão pós-parto", mas a sensação que eu tinha é que eu estava com falta de Deus. E de uma forma muito pragmática eu pensei: Se é falta de Deus eu vou procurar Deus, e se eu achar e melhorar é porque eu estava certa. E nisso, depois de 16 anos afastada da Igreja, eu voltei a frequentar a missa nessa procura. E então eu encontrei um padre que eu gostei da homilia dele e depois da missa pedi pra conversar com ele. Ele me disse que tinha um grupo que se encontrava às quartas-feiras na paróquia e me convidou. Eu fui, e depois desse encontro eu não saí tranquila, eu saí inquieta. Mas era um tipo bom de inquietação, que te faz pensar, que te faz refletir, que faz você querer se mover. E voltei na outra quarta, e na outra, e continuei indo à missa e continuei voltando, e continuei saindo inquieta, e continuei pensando, refletindo. E, hoje, algumas quartas-feiras depois, vejo que este processo de movimento fez um efeito bom, eu me sinto no iniciozinho de um caminho. Eu me sinto mudada, transformada, interessada em rever minhas opiniões, minhas posturas, minhas atitudes. Enfim, acho que é um caminho de esperança, e por isso eu sou muito grata às pessoas que eu encontrei e ao convite que eu aceitei.

Bracco: Sobre o Cartaz de Natal, a descrição que Kandinsky faz é: “É como um pedaço de gelo no qual arde uma chama”. E pra mim este desenho lembra aquele desenho famoso de Dom Giussani, que tem a linha e depois tem todas as setas que estão em busca do X, mas este X desce para encontrar a história do homem. Lá é de uma forma ordenada, e aqui parece desordenado, mas é a mesma coisa. São tantas tentativas, essa busca que ela falava, que mesmo depois de ter encontrado o Movimento não para, e o Natal é este X que chega à nossa vida, que vem antes de todas as nossas tentativas. Diante de todas as nossas tentativas tem um Outro que torna tudo mais simples se tornando um ponto, se tornando uma criança, se tornando um olhar, um olhar pra mim, um olhar não genérico. É pra mim, veio pra mim.

Padre Paulo: No Cartaz Dom Giussani diz exatamente isso: “Deus, o destino, o mistério, a origem de todas as coisas, tornou-se um rosto humano: assim Deus apareceu no mundo. Quem o encontrava dizia ‘Ninguém jamais falou como este homem’, ou ‘Este homem, sim, é que fala com autoridade’. Deus, o mistério, o destino feito homem, torna-se presente agora a mim e a ti, e a todos os homens que são chamados a vê-lo e a dar-se conta, num rosto: um rosto humano novo com o qual deparamos”. É sempre assim, o encontro com o Destino, com o Mistério, com este X que entra na história, e hoje continua. Por isso não estamos mais tentando chegar a este Mistério, Ele veio entre nós. E a forma mais concreta com a qual este rosto humano, o rosto de Cristo, chega até nós, é através de um encontro tão humano como o nosso, é através de um encontro como esse, de encontros em encontros, de provocações adequadas para nós mesmos, para surpreendermos de novo uma experiência que fascina de beleza agora. A grande ajuda que nós temos, como foi falado antes na palestra, é a realidade. A realidade é sempre uma grande provocação pra nós. E o que faz parte desta realidade, que está implícito nesta realidade que nos é dada, são os encontros humanos, certos encontros humanos. Dentro da confusão do mundo você renova toda a sua esperança, porque o que nos define não é o que está acontecendo, mas é aquilo que aconteceu conosco, comigo e com você, e que é presente, acontece agora. Porque muda o olhar, muda a forma de estar diante das coisas. Não por uma meditação, mas pelo fato de ver em alguém, olhando para a realidade de trabalho como é, com o drama que todo mundo vive, que não sabe se vai ter o emprego daqui a pouco, mas cheio de esperança, cheio de certeza, olhando para uma outra coisa que salva tudo isso. Que é a certeza que nós carregamos. Então, essa é a provocação adequada que a gente sempre fala, esse é o lugar que nos educa, e indica exatamente o que é seguir, que é uma coisa que nos ajuda muito. Seguir é identificar-se com a experiência de um outro que testemunha diante de você um juízo muito mais correspondente, e quando você vê isso você quer ir atrás, você quer aprender, quer fazer a mesma experiência. Neste sentido, como é importante pra gente a Escola de Comunidade e a Fraternidade. Porque são ocasiões que Jesus oferece para nos provocar e nos educar.

(Notas não revistas pelos autores)